

Nos porões da loucura (1979): narrativas da imprensa escrita sobre o Hospital Colônia de Barbacena

In the basements of madness (1979): narratives from the written press about the Hospital Colônia of Barbacena

Maria Fernanda Pimenta Fróis

Mestranda em História

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

m.fernandapimenta01@gmail.com

Recebido: 18/12/2023

Aprovado: 24/06/2024

Resumo: Esse artigo tem como objetivo a análise das narrativas da imprensa escrita a partir da série de reportagens divulgadas pelo jornal *Estado de Minas* em 1979. Essas notícias tinham como centro das narrativas os hospitais que faziam parte do chamado “itinerário público da loucura” e passaram a ganhar protagonismo durante a movimentação na busca por uma Reforma Psiquiátrica. Nesse sentido, o principal intuito está em analisar as matérias selecionadas a partir da necessidade que os jornais tinham de publicar para sensibilizar o público. As reportagens utilizadas, assumem o caráter de denúncia diante do cenário que se formava na busca por um atendimento especializado e se caracterizam como a principal fonte desse estudo.

Palavras-chave: Imprensa; Hospital Colônia; Reforma Psiquiátrica.

Abstract: This article aims to analyze the narratives in the written press based on a series of reports published by the *Estado de Minas* newspaper in 1979. These news stories focused on hospitals that were part of the so-called "public itinerary of madness" and gained prominence during the movement for Psychiatric Reform. In this context, the main purpose is to analyze the selected articles in light of the newspaper's need to publish in order to raise public awareness. The reports used take on the character of denunciation in the face of the unfolding scenario in the pursuit of specialized care and are characterized as the main source for this study.

Keywords: Press; Hospital Colônia; Psychiatric Reform.

Introdução

Este artigo versa-se pela existência de narrativas jornalísticas publicadas a partir da imprensa escrita, mais especificamente da série de reportagens nomeada de “Nos porões da loucura” lançada pelo jornal *Estado de Minas* que circularam na imprensa mineira no ano de 1979. As reportagens em questão adquiriram o caráter de denúncia no contexto de início de debates sobre o processo de reforma psiquiátrica. A série de autoria do jornalista Hiram Firmino⁷⁹, tinha como objetivo principal divulgar como estaria o cenário de assistência psiquiátrica em Minas Gerais a partir das instituições hospitalares, sendo a principal delas o Hospital Colônia de Barbacena (HCB).

Em 13 de setembro 1979 uma notícia publicada pelo jornal *Estado de Minas* e intitulada “Secretário abre hospício para imprensa”, marcaria o anúncio da série que seria publicada cinco dias depois, com reportagens que foram publicadas entre 18 de setembro 1979 e 27 de setembro 1979 pelo periódico e reúne os relatos de Firmino em um itinerário feito em alguns hospitais psiquiátricos mineiros e denúncias sobre as condições dos serviços de assistência aos homens e mulheres que eram considerados como ameaças devido às suas questões psíquicas.

A definição do que foi considerado como fator de periculosidade para a época demanda alguns aspectos. Magali Engel (2004) aponta que as transformações sofridas no Brasil advindas da proclamação da República resultaram em mudanças que afetaram as relações sociais e econômicas. Essas transformações, em parte derivadas da industrialização, atuaram nas zonas urbanas e foram pautadas em um ideal de progresso e na busca por indivíduos produtivos, considerando os comportamentos que desviassem desse ideal de produtividade que foi criado, como ameaças à ordem social. Maria Valéria Costa Correia define essa ameaça como os “mecanismos que estabelecem a ordem social disciplinando a sociedade e submetendo os indivíduos a determinados padrões sociais e princípios morais” (PEREIRA; LIMA, 2008, p. 104). Goulart (2015) aponta ainda a imprecisão da época em se encontrar qualificações para os comportamentos que fossem considerados como suscetíveis ao afastamento social, o que também justificava os índices de superlotação já que qualquer pessoa poderia seguir com o pedido de internação sem diagnósticos.

⁷⁹ Jornalista responsável pela série “Nos porões da loucura” e também pela publicação do livro de mesmo nome. O jornalista começa a demonstrar interesse pelo tema em 1978, quando acompanhou uma professora diagnosticada com “esquizofrenia incurável”, e se aproximou do universo da medicina e dos tratamentos ofertados na época. O caso foi publicado por Firmino dentro de sua coluna no *Estado de Minas* e intitulado de “Via-crúcis de Maria”.

Após o anúncio publicado pelo *Estado de Minas*, o ponto central da notícia era anunciar que o secretário de saúde do estado, Eduardo Levindo Coelho colocou à disposição da imprensa as instituições psiquiátricas para visita, o que possibilitou na época o início da série. Um dos principais questionamentos desse artigo são as motivações que levaram o então secretário de saúde a permitir acesso livre da imprensa aos hospitais, possibilitando toda a construção das reportagens. Firmino (2014) chamou de “carta branca” a autorização dada pelo secretário para que fosse revelado o que ocorria nos hospitais psiquiátricos. A problematização desse artigo parte das motivações que levaram o jornal a tornar público parte do mecanismo de funcionamento do Hospital Colônia, fato que não foi apenas uma iniciativa individual ou de um grupo específico que teve como pretensão expor os tratamentos empregados na instituição, mas, segundo Goulart (2010), foi também uma estratégia pública vista a urgência de se repensar o modelo psiquiátrico no país durante o contexto de buscas por repensar o modelo psiquiátrico.

A escolha da série de reportagens para análise justifica-se pelo volume de notícias que tinham o cenário psiquiátrico mineiro e mais especificamente o Hospital Colônia de Barbacena como pauta das notícias se concentrarem no jornal *Estado de Minas*. A metodologia consiste na busca pelos jornais feita a partir do site da hemeroteca digital considerando o período de 1970 e 1980 e também em um acervo privado. A pesquisa através do sistema da hemeroteca ocorreu a partir do levantamento de algumas palavras-chave que poderiam levar a publicações com temáticas relacionadas ao foco da pesquisa, sendo os termos utilizados na busca: “hospital psiquiátrico”, “Galba Velloso”, “Raul Soares”, “Colônia Barbacena”, “Franco Basaglia”, “HCB” e “Barbacena”. A partir do levantamento foi possível identificar o jornal *Estado de Minas* como principal divulgador das notícias relacionadas a psiquiatria devido a quantidade de notícias que veiculou sobre os temas, enquanto outros periódicos possuem entre uma e duas publicações, no jornal em questão foram encontradas⁸⁰ trinta e sete ocorrências.

A escolha da imprensa escrita vem propor um debate referente à existência de retóricas, realizando uma contraposição com a opinião pública e os sujeitos que integram essa discussão. A análise do material encontrado parte do levantamento de questões pré-estabelecidas a serem

80 O objetivo com tal levantamento foi enumerar as reportagens publicadas. É necessário considerar o caráter manual e humano dentro deste levantamento, aliado a essa questão, é preciso apontar também que nem todas as edições de jornais que circularam em Minas Gerais estão disponíveis para consulta online, o que dificulta que este levantamento seja mais preciso. É importante mencionar que todas as edições do *Estado de Minas* que constam neste estudo foram fornecidas pelo jornalista José Geraldo Magalhães e, nesse sentido, já haviam sido previamente selecionadas.

observadas na documentação como, por exemplo, o destaque que o jornal atribuía ao Hospital, o caráter da denúncia e o apontamento ou não de supostos responsáveis para a situação.

Nesse sentido, a partir dos conteúdos que foram encontrados nas matérias e a correlação existente entre as denúncias e os hospitais públicos de Minas Gerais é preciso mencionar o organicismo das instituições psiquiátricas no estado. A lei estadual nº 290 de 16 de agosto de 1900, foi a responsável pela criação da chamada “Assistência aos Alienados” em uma tentativa de minimizar a sobrecarga no sistema público das Santas Casas e também anunciando a criação de um espaço voltado exclusivamente para o afastamento do convívio social dos comportamentos considerados destoantes, o Hospital Colônia de Barbacena. Nesse contexto, a estruturação da psiquiatria foi um reflexo das movimentações do saber psiquiátrico e que era validado através de leis vigentes no período.

Esse formato de notícias, publicado aos moldes de matérias seriadas, pode ser observado em outros momentos deste mesmo periódico. No entanto, “Nos porões da Loucura” se tornou um marco significativo pelo destaque atribuído à temática dentro do periódico. A ideia de sinalizar as reportagens no formato seriado fez parte da estratégia do jornal que, por sua vez, gerou uma expectativa no leitor sobre o que estaria por vir no próximo “episódio”. O editorial enumerou as reportagens nas laterais que eram acompanhados de breves descrições dos hospitais e em algumas reportagens constavam também o Artigo 5º da Declaração Universal dos direitos Humanos.

Primeiramente, antes de adentrarmos propriamente na análise sobre os trechos das reportagens, é necessário mencionar um certo padrão que todas elas tiveram. O primeiro deles é que nenhuma das notícias dividia a página com qualquer tipo de propaganda ou anúncio, todas as reportagens cobriam toda a folha do impresso, sempre acompanhadas de no mínimo uma imagem em tamanho grande que procura enfatizar a imagem dos pacientes. As matérias foram relatos do que a imprensa representada pelo jornalista Hiram Firmino observou durante sua passagem nas instituições. A estrutura de todas as notícias consistiu em narrativas das visitas guiadas que o jornalista fazia, além dos diálogos com os funcionários, registrou as falas de alguns pacientes.

Marialva Barbosa (2004) demonstra que o jornalista, ao exercer seu papel, seleciona determinadas temáticas em detrimento de outras, um processo que demanda escolhas que acabam por apresentar ao leitor uma categorização que está desde a seleção do que será publicado até as divisões das notícias em seções. Podemos apontar que os editoriais constroem um *layout* próprio e se utilizam de formas para destacar e ordenar as informações que serão consumidas pelo público.

Ainda tratando das escolhas da imprensa, é importante mencionar que o fato de Firmino e consequentemente o jornal terem optado na época por se dedicarem às reportagens, fazem relação com o contexto em que as notícias estão inseridas, tanto do cenário brasileiro quanto no exterior. O debate sobre a reforma psiquiátrica começou a ganhar espaço nas discussões que envolviam questões de saúde pública após algumas movimentações de trabalhadores da área da saúde. Tais movimentações surgem em um momento de tentativa de abertura política na ditadura militar, a partir da efervescência de movimentos sociais que se organizavam com o intuito de lutar e minimizar os prejuízos que os anos de autoritarismo haviam causado nos espaços.

No cenário externo, mais especificamente na Itália, a figura do médico Franco Basaglia caminhava em um movimento de destaque na aprovação e consolidação da Lei 180 de 13 de maio de 1978, também conhecida como “Lei Basaglia”, que era composta por onze artigos que pensavam na urgência de se estabelecer regras para os chamados tratamentos sanitários, além da busca por assegurar a regulamentação destes. Um dos artigos, por exemplo, dizia respeito à proibição da construção de novos hospitais psiquiátricos ou criação de seções psiquiátricas em hospitais que seguissem a mesma lógica de funcionamento manicomial. A lei italiana tinha também o intuito de atribuir a esses sujeitos os direitos que anteriormente lhes foram retirados a partir da associação de que os pacientes fossem incapazes de decidirem por si. Segundo Goulart (2006), apesar de a lei receber a popularização do nome do médico, como Lei Basaglia, o psiquiatra não foi o autor do projeto e essa associação se dá pela liderança carismática exercida pelo mesmo. O nome do médico conferia respaldo ao movimento pela luta que ele já integrava dentro do país. O principal destaque na lei italiana, apesar de tantas outras disposições, ficava a cargo do fim dos hospitais psiquiátricos.

A partir do modelo que foi implementado na Itália, os profissionais encontram referência para repensar a forma do fazer psiquiátrico que ainda era aplicado no país e, em certo ponto, repensar também o estigma presente por trás dos pacientes que eram atendidos pelas instituições. Apesar de o movimento da Itália ter servido de inspiração, é preciso considerar que no Brasil não se implementou uma cópia exata do modelo italiano, tendo este, assim como outros modelos na saúde pública, servido de motivação e inspiração para o início das mudanças. Nesse sentido, mencionar a vivência italiana aqui serve para exemplificar que a reforma psiquiátrica no Brasil se deu a partir de um processo que é amplo, e estava inserido em uma dinâmica maior de modificações. As movimentações em torno de mudanças no sistema de saúde não ocorreram de forma instantânea, mas sim foram movimentos

graduais. A alteração de panorama em relação aos sujeitos em sofrimento psíquico surge, segundo Paulo Amarante e Fernando Sobhie Diaz (2012), a partir da efervescência de movimentos sociais:

No Brasil, os movimentos sociais originam-se da resistência ao regime autoritário dos anos 1970, e sua construção coletiva se fez na forma de teia ou rede, articulando-se com outras organizações, tais como sindicatos e partidos políticos. Englobando o conceito de cidadania, a característica que se tornou mais forte foi a construção da ‘cultura de direitos’: a partir de lutas específicas e de práticas concretas, novos direitos criados ou inventados incorporam-se à agenda política (AMARANTE; DIAZ, 2012, p. 84).

A terceira edição do Congresso Mineiro de Psiquiatria, no contexto de abertura dos hospitais por parte do Secretário e também do início da série em questão, foi marcada para novembro de 1979 em um momento de efervescência das ideias sobre necessidade de uma Reforma Psiquiátrica. Diferente das anteriores, o Congresso em sua terceira edição teve como objetivo a promessa de debater o modelo assistencial existente com a participação de médicos e também da imprensa. Um dos pontos diferenciais dessa edição foi o entendimento de que questões psiquiátricas não eram apenas um debate da medicina, mas também social, tal entendimento foi um reflexo do processo de mudanças que o saber psiquiátrico atravessava.

A abertura da série no jornal ocorreu no dia 18 de setembro de 1979 com a reportagem “O terrível Galba”, acompanhada da indicação de que essa seria a primeira reportagem do bloco sobre as instituições psiquiátricas mineiras. Nessa primeira parte, o que chamou atenção foi o uso do termo “itinerário público da loucura” que era o caminho que os pacientes faziam entre os hospitais e que o editorial explica, sem muitos detalhes, ser algo difícil de se abandonar. Essa era justamente a visão consolidada sobre as instituições e conseqüentemente sobre seus pacientes, algo que estava tão enraizado nas vivências das pessoas que dificilmente poderia ser desarticulada de associações negativas. O jornal faz um apontamento sobre a lógica de funcionamento da proposta da série e também um breve resumo do que o leitor encontraria nas próximas edições:

Nenhum médico nos ambulatórios, nas enfermarias e nos pátios. Apenas os atendentes. Uma esperança, enfim, muito remota de se livrar do itinerário público da loucura. Um itinerário que começa aqui, no Hospital Galba Velloso, e termina quase fatalmente em Barbacena, depois de um estágio pelo Raul Soares e pelas clínicas particulares, que em nada contribuem para a humanização da psiquiatria. é o trajeto que documentamos a partir de hoje, nesta série de reportagens (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

Durante sua visita, Firmino apontou com detalhes os espaços pelos quais visitava descrevendo suas sensações, uma estratégia para que o leitor adentrasse na experiência que o

jornalista se deparou durante a reportagem: todas as alas da instituição, começando pelos consultórios, até ao espaço que ele chamou de enfermarias 9 e 10. Durante sua passagem, foi descrevendo os espaços e transcrevendo os eventuais diálogos que surgiam com os pacientes, algumas partes das frases indicadas por aspas. A matéria sobre o Galba Velloso ficou dividida em duas edições, sendo que ainda na primeira o jornal abre um gancho para introduzir a temática já no dia seguinte, contribuindo para a lógica de publicação em que o leitor ficasse na expectativa para a continuação que viria. Segundo o editorial, no dia seguinte teriam a resposta sobre o porquê de os pacientes apelidarem a instituição de “terrível”.

O itinerário público da loucura na imprensa

A sequência da reportagem tinha como foco principal o hospital Galba Velloso, e foi chamada de “Liberdade, a qualquer preço”. Publicada em 19 de setembro de 1979, logo no resumo lateral aponta para uma série de questionamentos voltados para os profissionais que trabalhavam na instituição, prometendo que as respostas estariam no corpo da reportagem. O texto começa com uma breve apresentação sobre a trajetória do diretor Inácio Campos Bicalho e em seguida como se dava a demanda de funcionamento do Galba Velloso na prestação de atendimento para o estado. No tópico “O Galba, em números”, o jornal mostra um panorama dos dados de internações e reinternações na instituição, que leva o jornalista a questionar sobre o que motivaria o retorno dos pacientes à instituição:

No mês de agosto, por exemplo, a famosa triagem do Hospital Galba Velloso, que compreende “controle, medicação e avaliação do paciente em apenas 72 horas – o período padrão de permanência – registrou os seguintes números: 675 novas internações para um total de 1.434 reinternações e 1.311 remoções, o que prova a ineficácia do tratamento dado aos pacientes. Eles não se curam. Ou voltam para o hospital, ou ficam fazendo uma via crucis altamente rentável nas clínicas particulares até chegarem em Barbacena (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A alta taxa de reinternações pela lógica do tratamento mostrava que o sistema adotado não era satisfatório a ponto de que as pessoas não precisassem retornar ao hospital e que essa “peregrinação” – termo utilizado pelo próprio jornal para referir-se às mudanças de pacientes entre os hospitais mineiros na busca de tratamento – só acabaria quando o indivíduo chegasse em Barbacena. A causa, na visão do diretor, responsável pelo alto fluxo de pacientes dentro do Galba Velloso, foi chamada de “problema social”, que compreendia dificuldades como “miséria, fome e alcoolismo” enfrentados pelos pacientes, fazendo com que o retorno a instituição fosse inevitável em algum momento. Os

funcionários apontam que alguns voltavam inclusive por vontade própria, em uma tentativa de fuga de realidade.

Ao final da reportagem, depois de uma visita com a finalidade de entender o hospital Galba Velloso em números e de todas as burocracias que envolviam seu funcionamento e seus profissionais da saúde, o jornal conseguiu acesso a alguns dos relatórios da instituição. Nesses documentos, Firmino relata que a quantidade de profissionais existentes não era suficiente para o tamanho da demanda diária exigida. O editorial enfatizou a existência desses relatórios e, tanto na reportagem anterior quanto na do dia 19 de setembro de 1979, demonstrou quão difícil foi este acesso, como uma forma de demonstrar ao público o empenho e comprometimento dos jornalistas em fazerem um levantamento completo sobre a situação também em números. Firmino procurou se justificar com o diretor sobre o curso que a reportagem poderia tomar após a publicação, este por sua vez demonstrou ser consciente do sistema no qual ele e a instituição que coordenava estavam inseridos, nomeando como “estrutura”, mostrando consciência sobre o papel do jornal naquele momento:

Por fim o editorial fez menção a reportagem seguinte que seria sobre o instituto Raul Soares. Publicada em 20 de setembro de 1979 a notícia “Raul Soares: enfim, um hospital?”, era a terceira reportagem da série, recebendo um título provocativo e durante o curso de toda a matéria, podemos notar a postura irônica do diretor Dr. Navantino nos diálogos transcritos com o jornalista. A primeira descrição, na lateral do jornal, foi sobre toda área externa da instituição que foi chamada pelo jornal de “segundo estágio público da loucura”. Firmino narrou sobre a área com uma surpresa pelo que encontrou e como nas reportagens anteriores, fazia um breve resumo sobre o que os leitores iriam se deparar ao longo da notícia. Talvez o principal ponto do jornalista tenha sido justamente mostrar que as estruturas do Galba Velloso e do Raul Soares se diferenciavam em pontos específicos, sendo o principal deles a área externa, que é minuciosamente detalhada a partir de particularidades que podemos considerar irrelevantes para o contexto das matérias, como, por exemplo, nas espécies de plantas que compunham o jardim.

Seguindo a mesma lógica das matérias anteriores, o *Estado de Minas* destinou duas reportagens para o Raul Soares, assim como aconteceu com o Galba Velloso, sendo a primeira uma descrição sobre a estrutura física e uma entrevista com o diretor, que o jornal e o entrevistado fazem questão de enfatizar, ser sobrinho do Raul Soares, homenageado no nome da instituição. Na segunda parte da reportagem, temos a demonstração de toda parte interna do hospital, incluindo as áreas destinadas à

recepção dos pacientes e uma quebra de expectativas do editorial, que parece surpreso com a situação de que o atendimento aos pacientes não se diferenciava em praticamente nada da instituição anterior.

Afinal, se o intuito era denunciar e, para além disso, demonstrar como era o cenário psiquiátrico em Minas, a quebra de expectativa seria por parte do leitor que no primeiro momento se deparou com uma descrição de uma instituição que o jornal ressalta ser um hospital, e não um manicômio. Todas as descrições trazidas na primeira parte partem de um local arborizado e para contribuir com a descrição, o uso de uma fotografia⁸¹ grande mostrando o exterior e nenhuma imagem perturbadora, como nas edições anteriores da série. Vejamos como é detalhada e animadora a caracterização trazida pelo jornal para seu público:

A primeira visão, uma surpresa. O instituto Raul Soares é um bosque maravilhoso. Um hospital, jamais um hospício, cercado de flores por todos os lados. O segundo estágio público da loucura é mesmo uma área verde. Equivalente a cinco quarteirões. Espatódias, flamboyants e boungaivilles floridos. Holofotes. Um monumento de mármore, lembrança ao centenário do ex-governador de Minas (...) o diretor é sobrinho do Raul Soares. É a favor da humanização da psiquiatria. Confessa até orgulho pessoal do hospital que dirige. Fala do comércio particular da loucura. Denuncia tudo corajosamente. E impressiona os repórteres como podem ver a seguir: (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

O primeiro subtítulo utilizado na reportagem se chama “Um lugar maravilhoso”, e Firmino se dedica a continuar a caracterização do entorno do local, tamanha a dedicação do jornalista em seguir se referindo às espécies de plantas, bancos espalhados pelo local e também as sombras, que facilmente o leitor se distancia da imagem negativa de uma instituição psiquiátrica. Os trechos da entrevista com o diretor são transcritos pelo jornal e o Dr. Navantino parece responder a todas as perguntas prontamente, sem transparecer nenhum tipo de dúvida. Consultando sua pasta, consegue relatar sobre o corpo médico do Raul Soares, além de perguntas mais específicas, como a área construída da instituição.

A entrevista com o diretor segue em um diálogo de como o local exercia muito bem o papel que lhe foi conferido, salientando sua grandeza por meio dos atendimentos prestados que não se restringiam apenas ao estado de Minas Gerais. Para além disso, o diretor procura enfatizar que, “independente da origem do paciente”, ou seja, se foi entregue pela família, abandonado ou levado

⁸¹ Apesar da foto em preto e branco, é possível perceber que o jornal fez questão de ressaltar para o seu leitor como o local era arborizado, sendo possível identificar os traços das folhagens e das árvores que cercavam o hospital e que foram mencionadas durante a notícia.

pela polícia, o protocolo seguido era o mesmo. O cenário relatado pelo diretor ao jornalista parece ser de um local quase ideal, corroborando com as descrições anteriormente realizadas pelo jornal.

O próximo subtítulo foi chamado de “Um hospício sem dificuldades”. Apesar de Firmino reforçar no início da edição que o local era um hospital, o próprio editorial se contradiz e acaba por utilizar o termo “hospício”, expressão que dentro do periódico reforçava sempre um caráter negativo dos locais. Outro ponto de contradição fica explícito no diálogo após o jornalista pressionar o diretor, reforçando qual era o objetivo da reportagem após o Dr. Navantino dizer que o Raul Soares não passava por dificuldades. Se a intenção do jornal era, seguindo as orientações do secretário de saúde, *sensibilizar* para que houvessem mudanças efetivas no cenário, o próprio jornal tinha consciência da situação existente para além do jardim, caso contrário, se a instituição estivesse em mais perfeito estado, nem seria cogitada para compor o enredo de uma série de denúncias e prontamente seria “escolhido” um outro hospital psiquiátrico:

- Peraí, dr. Navantino - observei - eu não sei o que o dr. Archimedes lhe falou, mas a recomendação do secretário de saúde é justamente no sentido de denunciarmos todas as dificuldades dos hospitais psiquiátricos do Estado, como este. O senhor pode falar o que quiser. É justamente para mudar o que está errado, é ruim para os doentes aqui.
- Eu não estou escondendo nada não!
- Ok. (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

Esse trecho também demonstra outra discordância presente na notícia. Durante a apresentação que mencionamos anteriormente, elogios são rendidos ao diretor referenciando sua coragem para realizar denúncias e na reação positiva dos repórteres. No entanto, o que nos deparamos após a leitura, são respostas de que tudo corria bem e uma pressão por parte do jornalista para que as informações necessárias fossem fornecidas, já que esse era o principal objetivo na realização da entrevista. Na sequência, outra temática que retoma parte das pautas dos jornais é a questão familiar, novamente a influência da família durante o tratamento dos pacientes é colocada em questão, desta vez por ser um dos fatores responsáveis pelos casos de reinternação.

Durante toda a matéria, é visível a necessidade de se realizar sutis comparações entre o hospital Galba Velloso e o instituto Raul Soares, seja por conta da provocação no título de que supostamente teriam achado um hospital somente ao chegarem na segunda instituição, da estrutura exterior, sendo o Raul Soares bem arborizado. Ao final da notícia, um paralelo entre diretores dos dois locais reforçava uma certa competição feita pelo editorial. O diretor do Galba Velloso não acompanhou a visita do

jornal, ao contrário do Dr. Navantino que se mostrava orgulhoso da estrutura que mantinha em funcionamento, acompanhando a estadia dos jornalistas no local.

A pergunta contida no título da terceira reportagem é respondida durante a matéria publicada em 21 de setembro de 1979 e, para a surpresa do público, o Raul Soares não era “enfim um hospital” e sim, estava “A véspera do inferno”, nome dado pelo editorial para a continuação da notícia, que na segunda parte se voltaria para a área interna do local, que era onde mais interessava o público. A estrutura geral da notícia por si só causa impacto no leitor, a junção do título com as imagens se distanciavam da área verde da matéria anterior: o que o *Estado de Minas* apresentava eram imagens de pessoas deitadas no chão. A comparação com o Galba Velloso aparece novamente, mas dessa vez mostrando que os dois locais diferente do que se podia imaginar, eram próximos, ambos com problemas no atendimento dos pacientes e mais um espaço que contribuía com o “itinerário público da loucura” (p. 8), termo utilizado pelo editorial em 18 de setembro de 1979 e que aparece aqui mais uma vez.

O jornal satiriza, ainda no resumo da notícia, que o lugar que era mantido pelo Dr. Navantino, com orgulho na reportagem anterior, era mais uma reprodução da falta de tratamento do estado. O termo “véspera do inferno” (p. 8) faz uma alusão à Barbacena. O Raul Soares, em alguns casos, segundo o próprio diretor, era utilizado como espera por uma vaga no hospital Colônia. A área arborizada exaltada pelo editorial na edição do dia anterior acaba dando lugar para a falta de estrutura interna, os pacientes que deveriam ser os principais favorecidos eram alvos dos comentários do próprio responsável pela administração do local:

O “orgulho” do Estado. Suas enfermarias. Os corredores sombrios e os pátios. Os doentes. Homens, mulheres e um rapaz de 16 anos. Como no Galba, nenhum tratamento. Terapia alguma. Só drogas, confinamento e eletrochoques. Uma reinternação de 55% dos casos. Pobres, pobres e pobres. Marginalizados e desesperançados pelo próprio diretor em seus comentários. Indivíduos que não querem luxo e riqueza. Querem um psiquiatra, um psicólogo. Um cigarrinho pro tempo passar mais depressa. Apenas um pito, como na beira do rio. Ou do inferno que já experimentam ali antes de chegarem a Barbacena (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

O principal ponto aqui, através da série “Nos porões da loucura”, é demonstrar que com a finalidade de prender o público, o jornal se utilizava dos artifícios que dispunha. Um exemplo dessa estratégia é a exaltação para com o Raul Soares na primeira parte da reportagem e a quebra de expectativa na segunda, com a finalidade de manter os leitores assíduos e não necessariamente preocupados com a situação social, apesar de enfatizar que os pacientes eram pobres e suas exigências

eram mínimas, como de um cigarro. A visitação dos jornalistas segue com uma mistura de pequenos diálogos dos pacientes que faziam pedidos e reclamações sobre o estado que se encontravam, a área verde do lado de fora não aparece na parte interna do local, e a ideia que o editorial passa é como se fossem dois espaços muito distantes.

A relação entre imprensa e governo do estado, que autorizou toda a exposição nos jornais, a princípio pareceu ser muito harmônica. Nas três primeiras reportagens da série, Firmino não relata nenhum fato significativo que teria dificultado a entrada do jornal nem o acesso aos espaços onde os pacientes se encontravam. Essa relação, em um primeiro momento parece harmônica, por se tratar de uma troca de interesses: a imprensa ajudaria a mostrar à situação dos hospitais psiquiátricos mineiros e em troca ganharia leitores assíduos e admiradores pela realização de uma denúncia. Já o governo mineiro, se colocaria como isento de parte de suas responsabilidades e refém de uma esfera de poder maior, passando uma imagem de colaboração no trabalho dos jornalistas, visando a melhoria nas questões sociais.

A matéria de número cinco foi publicada em 22 de setembro de 1979 e intitulada “Barbacena: a face política da loucura?”. A partir dessa data, até o final da série, todas as reportagens tinham Barbacena e seus pacientes como principais protagonistas. A primeira delas segue o mesmo padrão das notícias anteriores e logo no bloco de apresentação mostrava críticas ao local através de uma sequência de perguntas, e também questionava à sociedade que não gostava de pensar sobre os fatos que cercavam o hospital. A reportagem começa com uma apresentação e prometia entregar na sequência detalhes mais aprofundados das partes internas do local:

Por que Barbacena é uma prisão? Uma mente, uma medida econômica, não um coração? Uma prisão perpétua. Um hospício, jamais um hospital, uma casa de saúde? Ou “Centro Psiquiátrico”, como o governo quer rotular? – Qual a razão das grades, dos eletrochoques, das celas e dos muros altos, acinzentados? A luta obstinada dos pacientes pela liberdade, pelo suicídio? Porque a população não gosta nem de ouvir falar dali? Trata-se realmente de uma viagem sem retorno? Uma peregrinação ao principal celeiro de cadáveres das nossas faculdades de Medicina? E por que uma realidade tão desumana como esta perdura até hoje, se Barbacena é justamente uma terra de políticos influentes? (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A primeira associação feita é que Barbacena era uma prisão e o uso do termo “hospício” volta a ser utilizado, enfatizando o distanciamento existente entre a instituição e um hospital. Também podemos notar a relação entre o título da matéria que se referia a política e a existência de políticos renomados na cidade, que seguindo uma lógica permeada por poder, poderiam ajudar na sensibilização da causa, mas não era o que ocorria, já que a solução encontrada foi convidar uma equipe jornalística.

Outro tópico em relação ao título que se volta à política foi mencionado também em um dos questionamentos do jornal sobre o “Por quê Barbacena?”, e a resposta se volta mais uma vez para um hospital criado para atender demandas de cunho político e não necessariamente terapêuticos.

Todos os pontos abordados em forma de questionamentos são seguidos pelo relato de Firmino sobre a sua chegada a Barbacena. O jornalista define o hospital como “último estágio público da loucura”, o local que recebia pacientes das duas instituições anteriores da série e que era também usados para os casos considerados mais graves, sendo nomeado pelo governo como “centro psiquiátrico”. No primeiro contato entre Firmino e o diretor do hospital, o psiquiatra José Theobaldo Tolendall, este se mostra insatisfeito com as sucessivas visitas de jornalistas e reforça que apesar das idas da imprensa no local, às condições do hospital não mudavam e que o enredo destas denúncias acabava por serem repetitivas.

– Mais jornalistas? O que é que vocês querem aqui? Vocês não se cansam disso não? Acho que eu não tenho muito tempo não.

Mar dr. Tolendall... quem nos mandou aqui foi o dr. Archimedes, atendendo a determinação do próprio secretário de Saúde! Foi ele quem nos mandou que o procurasse.

Ele respondeu, irritado:

– Foi o secretário!.. eles me avisaram, sim. Mas eu já não estou aguentando isso aqui. Eles ficam lá, de Belo Horizonte, só mandando gente aqui. Não aguento mais jornalista. Outro dia foi a televisão... O que vocês querem? Mais uma reportagem? Não vejo originalidade nisso. Aqui já foram feitas milhares de reportagens nenhuma adiantou (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

O psiquiatra e diretor do local demonstra não concordar com as ordens que vinham da capital. Apesar das críticas feitas pelo editorial ao Galba Velloso e ao seu diretor, Dr. Inácio se mostrou compreensivo com a função que os jornalistas se propuseram a exercer, enquanto em Barbacena o Dr. Tolendall não acreditava que essas medidas fossem eficazes e capazes de mudar de fato algum cenário da forma que estavam sendo executadas. Se utilizando da posição que foi colocado pelo próprio Secretário de saúde, como o responsável por ter acesso livre aos hospitais para levar ao público como estava a situação para além da parte exterior, Firmino procura abordar quais seriam as principais intenções da visita, garantindo que esta seria benéfica para ambos os lados em questão.

Valéria Bergamini (2020) afirma, em relação às denúncias feitas por parte da imprensa, que a sociedade tende a eliminar de suas vivências o hospital psiquiátrico bem como todas as problemáticas que o cercam, e a população só se sente obrigada a exercer um posicionamento quando denúncias são colocadas em curso, sem esse fator o hospital psiquiátrico seria mantido como um local que não integra

a sociedade. Nesse sentido, o posicionamento de Firmino em relação à contrariedade do diretor sobre as sucessivas visitas da imprensa foi justamente mostrar quão importante seria alcançar esferas consideradas maiores, as federais. A questão sobre a importância da imprensa durante esse processo retorna ao jornal em algumas edições, e demonstra também parte das expectativas do governo mineiro, como se o êxito das denúncias estivesse ligado ao alcance de uma mobilização que era inteiramente responsabilidade dessa mesma imprensa.

À medida que a conversa entre jornalista e diretor vai avançando, é possível se notar uma normalização dos fatos por parte do Dr. Tollendal em suas declarações. O diretor transparece naturalidade nos diálogos com o repórter, mas sobretudo diante dos fatos que narra para o jornal não demonstrar nenhum espanto. Para além da justificativa de que estava habituado com as constantes visitas de repórteres, também podemos apontar que o fato de o diretor estar à frente do local por dez anos, segundo ele mesmo afirma, contribuía para que não transparecesse nenhum tipo de emoção. Nesse sentido, voltando à matéria de 19 de setembro de 1979 que se refere ao Galba Velloso, na qual o Dr. Inácio se mostra consciente de que os hospitais estavam inseridos em uma dinâmica de tratamento que não era exclusiva de Minas e que enquanto diretor também era parte dela, podemos inferir que o mesmo ocorria nessa situação. Por estar imerso dentro do processo de tratamento em Barbacena, o diretor, ao falar da alimentação dos internos, por exemplo, não demonstrava sensibilidade ou empatia em suas próprias falas.

Podemos considerar que um dos principais objetivos de Firmino com a série era o de chocar quem lia, pois o cuidado na escolha das imagens demonstra o intuito por trás da produção, as informações eram repassadas ao público tanto através da escrita quanto visualmente. Durante a entrevista, algumas perguntas foram realizadas ao diretor, aos moldes das reportagens com as instituições anteriores, entre elas os tratamentos aplicados, composição do corpo médico e sobre a alimentação. Sobre o último item, ao ser mencionado pelo diretor, este relata que foi uma pauta já abordada em outra ocasião pela imprensa e alvo de críticas. A pergunta de Firmino é dividida em duas partes: a primeira questionava sobre a alimentação em si, ou seja, os alimentos que compunham a dieta dos pacientes, e a segunda sobre a quantidade de refeições. O Dr. Tolendall parece fazer questão de passar todas as informações referentes às quantidades numéricas, tanto dos pacientes quanto dos alimentos mensais que o local desembolsava para prestar o atendimento. Ao explicar sobre a comida que era servida, o diretor não faz nenhum comentário sobre os pacientes não fazerem o uso de garfo e faca, nem questiona o fato de a dieta ser composta por alimentos triturados. O único apontamento

foi sobre o uso dos utensílios no sentido de serem dispensáveis visto que garfo e faca, por exemplo, poderiam apresentar riscos à integridade física dos internos e argumenta ainda que parte deles já havia perdido os dentes.

Nota-se que em todas as matérias dessa série sempre existe uma entrevista que acontece com os diretores antes de o jornal adentrar de fato nas alas dos hospitais. A finalidade desses diálogos era caracterizar o local segundo quem dirigia, geralmente visando as questões mais burocráticas e de gestão. Nesse sentido, todos os três diretores apresentaram dados numéricos precisos no momento da visita dos jornalistas. A visita guiada, nas alas das instituições, é sempre realizada em um segundo momento, para demonstrar que o fato de os gestores apresentarem conhecimento técnico não anularia a existência de problemas estruturais e práticos no funcionamento diário dos atendimentos. Parte dessas complicações ficam explícitas ainda durante as entrevistas, todavia, no momento das falas dos diretores, alguns problemas como a falta de especialistas ou o emprego de pessoas sem formação na área da saúde, são normalizadas em suas falas.

Desde o início da reportagem de 22 de setembro de 1979 é possível notar que existe uma espécie de tensão entre Barbacena e a capital do estado, no sentido de que, apesar de a cidade suprir as demandas advindas de outros hospitais psiquiátricos, era constantemente esquecida pelo poder público. Em algumas falas do Dr. Tolendall é nítida a insatisfação do diretor com a indiferença dos seus superiores que permanecia em Belo Horizonte, enquanto toda a carga de pacientes do estado era realocada para o hospital Colônia. Quando questionado pelo jornal se já havia realizado pedidos ao secretário de saúde, como o de um aparelho de abreugrafia (utilizado para realização de exames no pulmão), o diretor mostra seu descontentamento com a situação:

- Mas por quê vocês não pedem um aparelho desses ao secretário de Saúde?
- Ah! e vocês pensam que eu não fiz isso? Eu estou cansado de pedir. Já fazem 10 anos que estamos tentando. Isso quando sabemos que, em Belo Horizonte, existem dois aparelhos simplesmente encostados, sem utilização. (...)
- E por que eles não lhe dão condições de implantar um serviço de prevenção aqui? O dr. Tolendall faz uma careta como se tivéssemos perguntado o óbvio.
- É a falta de uma visão maior. Eles só pensam em economia, economia. Não vêem nunca o aspecto humano do problema (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

Em alguns momentos da entrevista, é perceptível que para o diretor do Colônia a visita do *Estado de Minas* era apenas mais uma dentre outras que já estavam acostumados a receber, reforçando ainda que os problemas existentes eram mais complexos que a própria vontade de querer mudanças e provenientes da estrutura social brasileira. Segundo o Dr. Tolendall, as movimentações do ano de 1979

se assemelhavam a outras na história da instituição, utilizadas como oportunidades para que políticos se autopromovessem a partir da comoção em torno de Barbacena. A entrevista segue sem maiores expectativas por parte do gestor: na opinião do Dr. Tollendal, apesar do posicionamento válido do secretário de saúde, depois da efervescência em torno das denúncias, viria novamente o esquecimento, como em outros momentos do Colônia.

Não podemos afirmar que as intenções do secretário de saúde eram unicamente políticas, todavia a forma de articulação entre ele e a imprensa, em alguns momentos, transparecia uma tentativa de salvação por parte do estado a partir do argumento de sensibilização do público, do que de fato uma preocupação com a integridade dos indivíduos que dependiam do sistema de saúde em questão. Apesar de sua descrença de que as mudanças estruturais iriam ocorrer, o diretor responde a reportagem que ainda permanecia no cargo porque tinha esperança. A argumentação do Dr. Tollendal, voltada aos políticos que se promoviam utilizando as narrativas de comoção, finaliza a quinta reportagem da série. Na matéria seguinte, ainda em Barbacena, a continuação da notícia a partir de uma visita com a finalidade de conhecer o local que seria acompanhada por uma funcionária da instituição. Vejamos:

- E isso tende a continuar assim?
- Ué? Só se vocês mudarem a estrutura social do País! – respondeu o dr. Tolendall, mostrando-nos novamente a sua pasta de recortes:
- Dêem uma folheada nisso aí. Vocês vão ver quantas reportagens já foram feitas aqui, quantos deputados ganharam voto subindo na tribuna dizendo-se comovidos com a situação dos nossos pacientes. Eles só ganharam votos. Não resolveram nada.
- Mas o senhor deve estar acompanhando a reação da classe média, principalmente dos psiquiatras, em Belo Horizonte, não está?
- Claro que estou. Acho até bonito eles se preocuparem com a situação, estarem tentando humanizar a psiquiatria. Acho válido a posição do Secretário. Mas eu não me iludo. Vocês não podem esquecer que o Brasil é um país administrado por crises. A hora que passar essa fase de denúncia, esse vendaval, eles esquecerão disso tudo. E tudo continuará como está.
- Quer dizer que o senhor não tem esperança alguma?
- Se não tivesse, eu não estaria aqui (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A reportagem do dia seguinte, 23 de setembro de 1979, foi nomeada de “Conhecendo o inferno de pessoas vivas”, a foto que abria a reportagem tinha como legenda uma comparação entre o local e um campo de concentração nazista. No título, a denominação de “inferno” é novamente associada ao hospital Colônia de Barbacena: se o Raul Soares era uma espera, o inferno propriamente estava ali. Ainda durante o texto de apresentação da notícia, aparece a denominação oficial “Centro Psiquiátrico de Barbacena” e em seguida a crítica do jornal de que esse era o nome que o governo havia escolhido, reforçando a opinião já emitida durante a série que o nome não correspondia com a realidade do local.

O jornalista aponta ainda para a quebra de expectativa por não ter encontrado pessoas terríveis, e sim humanos em sua maioria conscientes de suas realidades.

Nesse primeiro momento, o jornalista também afirmou que alguns dos pacientes pediam para serem fotografados e terem seus nomes divulgados, em uma tentativa de retorno à convivência em sociedade. Essa afirmação é também uma forma de justificativa do próprio jornal enquanto divulgador das fotografias dos pacientes em condições degradantes durante as edições da série, mais uma vez reforçando a ideia do papel benéfico que estava sendo executado por parte da imprensa aos pacientes.

Hoje nós começamos a percorrer o Centro Psiquiátrico de Barbacena como o governo insiste em rotular. Os primeiros dos seus 16 pavilhões. Onde não encontramos os loucos terríveis que supúnhamos encontrar, seres humanos como nós. Pessoas que, fora das crises, vivem lúcidos o tempo todo. Sabem quem são, que fazem ali e o que esperam, no fim de mais alguns dias, mais uns anos. Pessoas que pedem para ser fotografadas, pedem a publicação de seus nomes, insistem em voltar à sociedade, à família, ao afeto, à liberdade. Nem todas, porém. As alienadas de tão drogadas, tantos choques, tanta prisão. As crianças que não conseguem se locomover. Mas uma grande maioria que insiste em ter esperança. A esperança de serem tratadas como seres humanos, que ainda são. Ainda dá tempo (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A notícia segue com a descrição dos locais pelos quais Firmino percorreu: o primeiro pavilhão com duzentos e sessenta pessoas consideradas “pacientes crônicos”, e em seguida o pátio. Nesse momento, o jornalista detalha para o leitor sobre a aparência física dos internos e também descreve o aspecto do almoço (que já havia sido pauta da entrevista), que no momento de chegada do jornalista estava sendo servido aos pacientes que comiam em pratos de lata com a ajuda de colheres. Em seguida, o jornalista detalha também sobre as reações, em sua maioria silenciosas, dos pacientes ao notar que pessoas diferentes das que estavam habituadas circulavam no local. Durante esse percurso, Firmino passa até a sensação de ter reconhecido um dos internos, de nome João Batista: este revela que foi mandado para o hospital devido aos problemas com a bebida, o jornalista pede para que o interno descrevesse tudo que quisesse em um papel e que ao final da visita voltaria para buscar, essa carta é responsável por finalizar a série e somente aparece no jornal na última reportagem.

Um problema que aparece dentro do HCB diz respeito às crianças que eram enviadas para o local, que ficavam em uma ala denominada “psiquiatria infantil” e permaneciam na instituição, segundo a própria funcionária, até a morte. Esse tópico do jornal foi nomeado de “Crianças no berço esperando a morte”, apesar do enfoque principal do editorial não estar nas crianças e ele se limitar em apenas transitar pelo tema através de um pequeno diálogo e duas fotografias anexas nesta edição. O tema volta

a público como protagonista em outro momento, uma série específica para tratar do caso das crianças no Colônia, que se inicia em 15 de agosto de 1980 com a notícia “Conhecendo um outro inferno, só de crianças”, e vai até 18 agosto 1980 com quatro reportagens.

A primeira notícia da série voltada ao HCB procura reforçar a ideia de que a experiência de se circular em meio aos pacientes da instituição não era marcada por ameaça, mas sim por pedidos de cigarro, súplica para que fossem retirados do local e busca por informações de familiares. Os diálogos estabelecidos e que constam no jornal são com as mulheres pensionistas que ficam em um pátio e o jornal mostra que, para além das respostas das internas, estas transpareciam certo receio diante das funcionárias do local:

Mais familiarizadas conosco, elas fazem uma roda em volta. E a gente conversa descontraidamente. Ri bastante. Todas querem falar ao mesmo tempo:
(...)
– E o que você acha daqui?
Ela olhou para a funcionária da enfermaria e sussurrou:
– Não acho nada. Aqui basta a gente acender o cigarro da outra, que eles põem a gente na cela. Você saiu do normal, não obedeceu as ordens, prisão nocê (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A reportagem do dia 23 de setembro de 1979 foi finalizada com a transcrição de parte das folhas de um diário de uma das internas que, ao ser questionada por Firmino sobre o porquê ter ido para o hospital, ela responde sem mais detalhes: “maconha”, e ao jornalista questionar o que ela acha do local, a mulher lhe entrega as páginas do diário que são transcritas pelo editorial sinalizadas por aspas em três parágrafos, onde ela considera que os pacientes são “marginalizados pelo sofrimento”. Os trechos escritos pela interna eram críticas ao local, mas sobretudo aos funcionários que trabalhavam na instituição e, na visão dela, se vestiam com máscaras quando conveniente. O relato termina com a mulher dizendo que os comportamentos dos funcionários e as formas as quais eram submetidos, revoltava:

E continuava:
“Pense nos rostos transfigurados pela dor, marginalizados pelo sofrimento. Onde os seres supremos são incapazes de mostrar-se tal como são. Usam máscaras que deformam, máscaras de cinismo, de tirania; cheios de medo de perder o lugar de tiranos e às vezes gostam de enganar-nos cin máscaras de compreensão, bondade, caridade. Mas olhem bem no fundo dessas pessoas. Sabe o que encontrarás? Hipocrisia fedendo, auto-destruição e todos os males do mundo”.
E termina assim seu diário:
“Imaginou? Pense bem duas vezes, se isso não revolta e não cura. Acho que Deus não abençoou este mísero lugar (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A próxima notícia da série é publicada no dia 25 de setembro 1979, intitulada “Você gosta de Deus? Nós somos Deus”. A descrição desta edição conta com um breve resumo sobre o que o jornal já havia encontrado dentro do HCB, entre elas as condições dos pacientes, o clima do local que o editorial definiu como “úmido e frio”. Completando ainda esse bloco lateral, o jornal menciona a existência de esperança por parte dos pacientes, mais uma vez lembrando ao público sobre o caráter positivo da exposição através da imprensa em prol de uma causa maior. Seguindo o padrão de outras reportagens da série, mais um título provocativo, agora uma contraposição com o inferno da notícia anterior, temos Deus, que ainda na apresentação da notícia é justificado como a forma que alguns dos pacientes encontraram para causar comoção em quem tinha temor ao divino, ao mesmo tempo que também é uma referência a um diálogo que será transcrito durante a reportagem entre um paciente e a fotógrafa da série que acompanhava Firmino nas visitas, Jane Faria:

Crianças pelo chão, entre moscas. Nenhum brinquedo, um psiquiatra. Aleijados arrastando-se pelo chão. Agrupados para não serem pisoteados na hora da comida. Esperando a maca, a liberdade através da morte. Completando a realidade do Centro Psiquiátrico de Barbacena, que continua mais abaixo, a quatro quilômetros. O hospital-colônia. Um Asilo medieval, de pedra. Úmido e frio. Celas e eletrochoques, todas as torturas. Nenhuma assistência, calor humano. Como em um campo de concentração. Farrapos humanos. Homens e mulheres pelos pátios. Pedindo um doutor. Um violão e um cigarrinho. Seres humanos. Rotulados de loucos. Loucos que sabem seus nomes, endereços e sentimentos. Imploram socorro. Dizem-se Deus para comover quem acredita em Deus. Vivendo agora, mais uma vez, a esperança remota de serem ouvidos pelas autoridades. Pelo Governo, com esperança e desespero (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A reportagem também buscou esclarecer ao leitor que as enfermarias visitadas na notícia do dia 23 de setembro de 1979 eram apenas uma parcela da grande estrutura que estava localizada na cidade de Barbacena, sendo que no primeiro momento somente foram apresentadas ao público as enfermarias do chamado “Centro Psiquiátrico de Barbacena”, mas que, no dia 25 de setembro de 1979 seria mostrado ao público o “Hospital-Colônia” propriamente. Apesar de a construção como um todo juntamente com o nome “Hospital Colônia de Barbacena” ter se popularizado nacionalmente, é perceptível através das reportagens que o local possuía uma organização interna para designar as divisões dos espaços da instituição e, apesar de transparecer uma dinâmica organizacional própria descrita pelo editorial, é perceptível que era uma disposição interna dominada pelos funcionários e desconhecida pelo público.

O jornalista descreve a chegada na parte que os funcionários definiam como “Hospital-Colônia” propriamente, e foi guiado por um colaborador chamado Manoel, que o jornal trata como

administrador do local. Durante a fala do administrador, a mesma narrativa presente em outros momentos não só relacionados ao HCB mas aos hospitais psiquiátricos no geral, para que Firmino e Jane Faria tivessem cautela ao lidar com os pacientes, sobretudo as mulheres devido à periculosidade. O editorial demonstra serem infundados esses alertas, e que os pedidos dos pacientes eram sempre os mesmos, às vezes apenas uma busca por atenção. E a analogia feita pelo jornal é que a disposição das pessoas se assemelhava ao gado no curral.

A reportagem do dia 25 de setembro de 1979 finaliza com um bloco de texto intitulado “Delírio de uma loucura”, com uma indicação de dedicatória “A minha mãe”, “O amor é justamente aceitação” (p. 8), e a autoria atribuída a Therezinha Cangussu, do Pavilhão Galba Velloso. Apesar de não ter havido nenhuma menção específica durante a edição sobre quem era a interna e as motivações que a levaram a redigir uma carta direcionada à sua mãe, chama atenção a forma com que o jornal dedica um bloco específico para dar voz a um texto autoral que tem a família como fio condutor da narrativa. Cabe lembrar que o fator familiar já havia sido mencionado anteriormente, como uma das partes responsáveis no fator de melhora dos pacientes, sobretudo durante as reportagens que envolviam as declarações do secretário de saúde.

Em 26 de setembro de 1979, foi divulgada a reportagem número oito da série, de título: “A última esperança dos doentes mentais”. Podemos defini-la como sendo uma retrospectiva resumida de todos os momentos do hospital, desde a sua fundação no ano de 1903, perpassando por comparações entre o número de funcionários ao longo dos anos, denúncias anteriores à imprensa e também o envolvimento de outros nomes da política durante a trajetória do hospital como, por exemplo, Jânio Quadros, Rondon Pacheco, Francelino Pereira e o General Figueiredo. O jornal, ainda no resumo da notícia, chamou todo cenário que o Colônia estava envolvido e que foi documentado durante as reportagens de “problema da assistência psiquiátrica”, alegando ainda que após cada denúncia e visitação da imprensa, suscitava dentro dos pacientes um sentimento de esperança para que houvessem mudanças na realidade do local.

O primeiro ponto que chama atenção nessa notícia está no tópico intitulado “Atentado ao pudor público”, onde o jornal reservou uma coluna do texto para realizar algumas considerações referente à repercussão de reportagens em outros editoriais da imprensa, especificamente às dos jornais “Diário da Tarde” e do “Cidade de Barbacena”. O periódico descreveu que, assim como em seu editorial, outros jornais adentraram no HCB anteriormente durante um período nomeado pelo *Estado de Minas* como “onda renovação e humanização da psiquiatria” (p.8). Assim como o diretor, Dr.

Tollendal, já havia mencionado, de que esforços no sentido de expor a situação não era nenhuma novidade em 1979.

O editorial, ao tratar da repercussão escandalosa por parte dos leitores nas notícias relacionadas ao Colônia, aponta para o que, segundo Bergamini (2020), diz respeito ao processo de resistência do público, que se sente incomodado e se mostra contrário às publicações que possuem a exposição de situações degradantes. Nesse sentido, a crítica da autora se aproxima ao posicionamento do jornalista, ao fato de que o que ocorria era que “(...) parte da população brasileira se rebelasse contra as denúncias feitas pela reportagem, e não contra os maus tratos aos internos do hospital.” (BERGAMINI, 2020, p.75):

O escândalo foi total. Principalmente às reportagens que o DIÁRIO DA TARDE publicou, na época. A exemplo de hoje, o governo permitiu a entrada da imprensa, causando uma repercussão inesperada junto à opinião pública. Ao invés de se conscientizar desta realidade tão próxima e desumana, e exigir das autoridades uma solução, a população se viu chocada. Por incrível que pareça, vários setores da sociedade manifestaram-se contrários à repetição de tais reportagens (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

Nessa mesma coluna, o jornal reproduziu também um trecho sinalizado por aspas e que foi publicado em 23 de abril de 1961 no jornal “Cidade de Barbacena”, que era uma crítica ao governo justamente pela permissão da entrada e conseqüentemente da exposição da imprensa em 1961 da situação dos pacientes. Após a transcrição, o jornal não acrescenta nenhuma outra conclusão sobre a temática voltada às repercussões das notícias anteriores, nem realiza apontamentos sobre o que seria o diferencial das matérias do *Estado de Minas* diante da possibilidade de o ciclo de denúncias voltar a se repetir. As colocações expostas nesta edição transitam entre apontar algumas tentativas de reação por parte dos políticos e apontamentos de que nenhuma delas chegou ao completo êxito: os apontamentos do jornal acabavam validando as falas do diretor da instituição, reconhecendo de forma explícita a declaração que o Dr. Tolendall deu ao jornal no dia 22 de setembro de 1979. O último ponto desta edição está em um bloco lateral intitulado *O histórico cruel de 60 mil pessoas*, que se inicia com uma breve informação sobre a lei nº 290 de 16 de agosto de 1900, que dava origem à assistência psiquiátrica em Minas Gerais, e o médico Joaquim Dutra que participou do processo de criação e regulamentação da lei e, segundo o jornal, foi um dos incentivadores para que a cidade de Barbacena se transformasse em sede do hospital psiquiátrico.

Ademais, o jornal se utilizou deste bloco para realizar uma retrospectiva referente ao processo de construção do HCB, mencionar alguns de seus diretores e também esclarecimentos ao leitor sobre

as fundações do estado de Minas que colaboraram com a administração do local durante os anos. É perceptível que o texto é um informativo geral e apresenta ao leitor alguns dados relevantes que estariam contidos em “livros de registros”. Todavia, não informa nenhuma forma de verificação ou foto da documentação, somente números, sendo alguns deles aproximados e nenhuma crítica ou comentário:

Numa rápida verificação dos livros de registro de internações, os pensionistas homens e mulheres, internados de 1903 (data de fundação a 1969, somam 6.139 pacientes. Entre os indigentes, de 1907 a 1967, somam-se 24.034 mulheres internadas. E de 1903 até 1966, aproximadamente 25.775 homens foram internados como indigentes (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1979, p. 8).

A última reportagem da série foi publicada em 27 de setembro de 1979 e tinha duas páginas, sendo a primeira com o título, “A carta de um homem que deseja a paz”, uma referência ao que seria a primeira parte da reportagem, quase que inteiramente dedicada a carta escrita a pedido de Firmino pelo interno João Batista. A mensagem em questão foi exposta na íntegra pelo jornal em todas as suas cinco partes, para além disso, em um bloco chamado de “Recordando o Pavilhão”, o editorial faz uma transcrição do diálogo entre o jornalista e paciente que ocorreu na reportagem de 23 de setembro de 1979, momento onde é realizado o pedido de escrita.

Na primeira página da carta, João Batista concentra seus esforços em se apresentar, informando seu nome completo e o nome dos seus pais, dizendo ser natural da cidade de Barbacena e também acrescenta a rua onde morava, descrevendo ter dez irmãos, sendo sete deles homens e três mulheres. A carta em seus vários trechos é um apelo por ajuda do paciente para com Firmino, oferecendo seus serviços para o jornalista, mostrando que tinha profissão fora do hospital. Ao fim da página, João Batista coloca novamente os nomes de seus familiares e dessa vez acompanhado das profissões deles, essa é uma forma que provavelmente o interno encontrou para validar suas faculdades mentais ou mesmo informar onde Firmino poderia encontrar seus irmãos.

O jornal, assim como em outros momentos da série de reportagens, não expressa nenhuma opinião acerca do conteúdo da carta, que não vem acompanhada de nenhum tipo de legenda ou comentário sobre o tema. O documento escrito por João Batista é o responsável por finalizar a série, mas é inserido da forma que o público possa ler e tirar suas próprias conclusões, como se o editorial entendesse que a carta falava por si e não era necessário acrescentar a ela nenhum comentário.

Considerações Finais

O editorial não fez nenhuma promessa sobre o que viria depois de “Nos porões da loucura”, não tem nenhum indício na última reportagem que garanta ao leitor que o jornal continuaria acompanhando o caso de Barbacena e dos outros dois hospitais que foram citados na série, Galba Velloso e Instituto Raul Soares. A série terminou sem maiores explicações sobre o que fariam se a repercussão das notícias chegasse ao governo federal ou se a estratégia de sensibilizar a sociedade chegasse a algum resultado significativo.

A maior efervescência de notícias que tenham ocorrências relacionadas ao Hospital Colônia e também o cenário psiquiátrico de Minas Gerais acontecem entre 1979 e 1980. A justificativa para essas movimentações está justamente na expectativa existente pelo III Congresso Mineiro de Psiquiatria que foi realizado em 1979 e suas repercussões. O questionamento referente a autorização do secretário de saúde que permitiu o trabalho da imprensa e que serviu como fio condutor deste artigo e também foi sendo respondido a partir da leitura dos jornais. O secretário, enquanto representante do governo mineiro nas questões relacionadas a saúde, ao se utilizar de sua posição para demonstrar que trabalhava fazendo o possível em relação ao cenário psiquiátrico através da abertura dos portões das instituições à imprensa, estava na verdade procurando se isentar da obrigação.

Durante parte das reportagens, é comum a transferência de responsabilidade de que o cenário seria melhor se existisse maior envolvimento da família, mobilização das esferas federais ou compaixão por parte da sociedade, que não demonstrava preocupação suficiente com as questões dos pacientes psiquiátricos. Percebemos que recorrentemente existe uma tentativa de transferência de responsabilidade mediada pelas páginas dos jornais: a situação está exposta nas páginas apontando um culpado para ela – nunca “quem”, mas sempre “um alguém”. Em algumas narrativas era explícita a tentativa de convencer o público de que as mudanças no cenário psiquiátrico deveriam partir da própria sociedade em si em mudar a lógica de funcionamento das instituições.

Coelho estava longe de ocupar a cadeira de vilão da situação, mas o fato de a partir das notícias se posicionar como um gestor que estava fazendo o possível no processo de sensibilização, isenta sua figura de parte dos questionamentos ao longo do processo de reforma. Diante disso, o presente artigo teve como objetivo principal retomar os detalhes que fizeram parte das notícias que integraram a série “Nos porões da loucura”, o principal intuito aqui foi o de apresentar como se deu a construção das narrativas do jornal no que se refere ao cenário psiquiátrico dos locais presentes nas reportagens.

Fica perceptível, em alguns momentos das narrativas da imprensa, que ela atuava em função de aproximar o público da situação dos hospitais, mas também convencer de que essas mudanças deveriam partir da própria sociedade em si e não deixar que as denúncias se perdessem. O *Estado de Minas* recorrentemente se utiliza da ideia de sensibilizar seus leitores como argumento para validar as informações e também as imagens que acompanhavam as notícias. Nesse sentido, a imprensa tem uma busca constante por atribuir responsabilidades aos acontecimentos, seja ao governo federal, os familiares dos pacientes ou sociedade. Impressionar o público, através das notícias demonstra não ser o suficiente para que o cenário tivesse mudanças efetivas e imediatas, mas se tornou um caminho para que o que ocorria não ficasse esquecido.

Referências bibliográficas

- AMARANTE, P.; DIAZ, S. Os movimentos sociais na reforma psiquiátrica. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 83–95, 2012. Doi: 10.5007/cbsm.v4i8.68655.
- BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 17, anais [...], Porto Alegre. 2004.
- BERGAMINI, Valéria. **Bárbaras cenas: ecos do holocausto brasileiro após a reforma psiquiátrica nos discursos sobre A cidade dos loucos e das rosas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- FIRMINO, Hiram. **Nos porões da loucura**. Belo Horizonte: Edições Ecológico, 2014.
- GOULART, Maria Stella Brandão. **A construção da mudança nas instituições sociais: a reforma psiquiátrica**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João Del-Rei, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapi/A_Construcao_da_Mudanca_nas_Instituicoes_Sociais..._MSB_Goulart.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2024.
- GOULART, Maria Stella Brandão. **A política de saúde mental mineira: rumo à consolidação**. Gerais, Rev. Interinst. Psicol. [online]. 2015, vol.8, n.spe, pp. 194-213. ISSN 1983-8220.
- GOULART, Maria Stella Brandão. **Em nome da razão: quando a arte faz história**. Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano, São Paulo, v. 20, n. 1, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000100006. Acesso em: 30 de out. de 2023.
- ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. 571p.
- JORNAL ESTADO DE MINAS. **A carta de um homem que deseja a paz**. Belo Horizonte, 27 set. 1979, p. 8-9.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **A liberdade, a qualquer preço.** Belo Horizonte, 19 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **A última esperança dos doentes mentais.** Belo Horizonte, 26 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **A véspera do inferno.** Belo Horizonte, 21 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Barbacena: a face política da loucura.** Belo Horizonte, 22 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Conhecendo o inferno de pessoas vivas.** Belo Horizonte, 23 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **O terrível Galba.** Belo Horizonte, 18 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Raul Soares: Enfim, um hospital?.** Belo Horizonte, 20 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Secretário abre hospícios para imprensa.** Belo Horizonte, 13 set. 1979, p. 7.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Você gosta de Deus? Nós somos Deus.** Belo Horizonte, 25 set. 1979, p. 8.

PEREIRA, Isabel. Brasil.; LIMA, Júlio. César França. **Dicionário da educação profissional em saúde.** 2 ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 478p.